

120 anos da Colônia Sagrado Coração de Jesus Tachos/Meruri 1902-2022

Tudo começou com Dom Bosco que a partir da segunda metade do século XIX fundou um vasto movimento de pessoas entre as quais a Congregação Salesiana, as Filhas de Maria Auxiliadora e os salesianos Cooperadores que de várias maneiras dedicam suas vidas na salvação da juventude. Assim em 1875 enviando para a América do Sul o primeiro grupo de seus missionários para a evangelização da Patagônia na Argentina Dom Bosco transplantou o carisma salesiano, seu jeito de educar e evangelizar com o Sistema Preventivo, para o Novo mundo. Em 1883 é o início da presença salesiana no Brasil.

A pedido do bispo de Cuiabá Dom Carlos D'Amour, no dia 18 de junho de 1894 desembarca na capital mato-grossense o primeiro grupo de salesianos sob a chefia do Bispo Dom Luiz Lasagna. Eram cinco jovens missionários que logo iniciaram suas atividades na Paróquia de São Gonçalo do Porto. No ano seguinte com as recém-chegadas Filhas de Maria Auxiliadora já assumem o trabalho junto ao povo bororo, às margens do Rio São Lourenço na Colônia Teresa Cristina/MT. Infelizmente a Obra Salesiana no Brasil sofreu um duro golpe; no dia 6 de novembro de 1895, num acidente ferroviário, morre o intrépido Bispo-Missionário Dom Luiz Lasagna. Em 1898 os salesianos tiveram que se retirar dessa primeira frente de trabalho missionário no Rio São Lourenço, mas em 1901 a Missão Salesiana de Mato Grosso recomeça com maior entusiasmo enviando à região leste do Estado povoada pelos bororo um grupo de salesianos e Filhas de Maria Auxiliadora que chegaram a esta terra bororo aos 18 de janeiro de 1902. O Diretor era o Pe. João Bálzola e a Diretora, a Irmã Rosa Kiste. Construíram a primeira missão na região denominada "*Toripó*" (*Tachos*). Aí fizeram os primeiros contatos com o povo bororo, desenvolvendo posteriormente atividades educativas e de auto sustento. Devido a problemas com a escassez de água, a Missão foi depois transferida para a região próxima ao Morro de Meruri, às margens do Córrego Barreiro, dando origem à atual *Aldeia Meruri*, que é a aldeia principal e a sede da Missão Salesiana até hoje.

Neste ano comemorativo dos 120 anos de fundação é interessante rememorar as origens da nossa Missão em Toripó/Tachos. Pe. João Bálzola imortalizou essa página gloriosa de nossa história missionária numa carta por ele escrita ao Reitor-Mor, Bem-aventurado P. Miguel Rua, e publicada no *Bollettino Salesiano* nº 12 do mês de dezembro de 1902 a página 366-369. A ele a palavra:

Barreiro (Cuyabá) Colônia S. Coração de Jesus, 2 de fevereiro de 1902.
Revmo. Senhor P. RUA,

Tivesse eu uma pena de ouro para enaltecer a bondade da Divina Providência que nos protegeu visivelmente na longuíssima viagem de 500 quilômetros no meio de mil perigos e durante um mês, como ficaria consolado! Já que tal não posso fazer, seja ao menos bendito o Sacratíssimo Coração de Jesus, a quem dedicamos a nova Colônia. Sem mais preâmbulos vou começar este breve e singelo relatório.

O dia 17 de Novembro de 1901 foi um dia solene para o nosso Colégio de Cuiabá, e direi também memorável, creio eu, para a história das nossas Missões. Um grupo de missionários e de Irmãs de Maria Auxiliadora, ajoelhados ante o altar do SS. Sacramento na nossa igreja de S. Gonçalo, rezava aquelas orações do *Adeus*, que tornaram célebre em todo o mundo o Santuário de Maria Auxiliadora. Instantes de profunda comoção! Tinha raiado o dia em que começavam a realizarem-se os sonhos do inolvidável Bispo dos selvagens o pranteado Mons. Lasagna, e de nosso pai e fundador D. Bosco.

Após a cerimônia partimos para Coxipó, e passamos a noite naquela casa; no dia seguinte, ao chegar as Irmãs, prostramo-nos de novo aos pés do altar. Em seguida despedimo-nos dos

nossos futuros irmãos, e, com o Diretor da Casa e o Revmo. P. Inspetor, P. Antônio Malan, afastamo-nos definitivamente do mundo civilizado para internar-nos na floresta.

O P. Superior desejava acompanhar-nos por um dia inteiro, mas as funções da Novena do Santo Natal constrangeram-no a apartar-se de nós, juntamente com o Diretor de Coxipó, depois de alguns quilômetros. Ajoelhamo-nos todos para receber a sua benção e depois, satisfeitos com fazer a vontade de Deus, prosseguimos alegremente a nossa viagem. Daí a pouco o céu se escureceu a começou a cair urna chuva de molhar tolos, como se diria em bom português. Nós, porém, esporeando as cavalgadas, chegamos ao lugar fixado para o primeiro acampamento sem quase nos molharmos, exceto os que guiavam os animais de carga, que chegaram um pouco mais tarde e, por conseguinte — encharcados.

Porém, amado Superior, não pretendo descrever todos os detalhes da nossa de viagem. Éramos dezessete pessoas entre Missionários, Irmãs e empregados; além das nossas montarias levávamos dezoito animais de carga com as coisas mais necessárias para a instalação da nova Colônia no rio Barreiro. [...] Direi somente o que nos ocorreu de mais importante [...] Tendo nós chegado ao primeiro lugar, onde devíamos passar a noite, depois de havermos armado as tendas, ceado e rezado as orações da noite com excepcional fervor, deitamo-nos. [...]

Na véspera do Natal a chuva, que nos acompanhou nos dias anteriores, tornou-se importuna, tanto que não pudemos chegar ao lugar combinado e tivemos que parar perto de algumas choupanas. Enquanto procurava com cuidado um lugar qualquer para amparar-nos da chuva, um homem veio-me ao encontro para oferecer-me uma cabana aberta a todos os ventos, mas coberta com folhas de palmeira. Aceitei com reconhecimento aquele abrigo que nos era oferecido, e, dividindo-o com mantas e cortinas, improvisamos duas casas Salesianas num pescar de olhos: uma para as Irmãs e outra para nós. Aí debaixo, continuando sempre o chover, celebramos as funções do Santo Natal, com a mente em Belém, cujo presépio não devia talvez ser mais pobre que o nosso. Quanta pobreza, e quanta alegria! Debalde procurou o demônio colocar à nossa imaginação o regozijo de todas as nossas Casas naquele dia tão memorável, porque todos afirmaram que nunca tinham passado tal festa com tão doces e suaves emoções. Como é certo que a graça de Deus nos acompanha em toda a parte, e é exclusivamente por nossa culpa, que nós somos infelizes!

No dia 29 de Dezembro chegando à fazenda do Sr. Borges, pudemos trocar os nossos animais cansados por outros. Lá tivemos ocasião de batizar, confessar e abençoar matrimônios. Igual consolação experimentamo-la no dia seguinte em Capim-Branco. Desde o dia primeiro do ano até o dia de Reis, que por causa da chuva tivemos que celebrar debaixo das tendas, a viagem não podia ser melhor. Esperavam-nos, porém, aventuras caprichosas.

No dia 7 de Janeiro, voltou o bom tempo, mas os animais tinham fugido. Fiz o possível para reuni-los, e quando me pareceu que tudo estivesse pronto pus-me a caminho com o P. Salvetto e outro Irmão para preceder a comitiva, escolher o lugar do acampamento e fincar os paus a fim de armar as tendas a tempo. [...] No domingo 12 de Janeiro não pude celebrar. Na véspera caminhei adiante dos outros para poder chegar à fazenda do Dr. Manuel Joaquim dos Santos e aí prover às necessidades urgentes da caravana, pensando que os companheiros ter-me-iam alcançado no dia seguinte antes do meio-dia [...] Fornecendo-nos de víveres na casa da egrégia família do Dr. Manuel dos Santos, onde nos trataram com paternal bondade (tanto que sinto um dever de gratidão pedir as orações de V. R. para ela, para o Sr. Borges e para o Sr. Pedro Fernandes) pusemo-nos a caminho, e depois de uma semana, que foi certamente a mais trabalhosa, chegamos ao Barreiro.

Quando mostrei de longe o lugar do nosso estável acampamento, um grito unânime de alegria feriu os ares: não sei se exultaram tanto os cruzados à vista de Jerusalém. [...] Achado que foi o lugar mais conveniente, todos nós descemos da sela e ajoelhando-nos, beijamos aquela terra virgem, onde, com o auxílio de Deus, erguer-se-á a primeira capela desta Missão. Eram 4 horas da tarde de 18 de Janeiro, dia de sábado, véspera da festa do SS. nome de Jesus.

No dia seguinte, depois de termos colocado sobre o altar a estátua do Sagrado Coração que tanto nos consola com o seu doce aspecto, celebramos a Santa Missa, e todos nós repetimos com fé a bela oração prescrita por Leão XIII como fórmula de consagração ao dulcíssimo Coração de Jesus... — “ *Sim, ó Senhor, sede finalmente o rei de todos aqueles, que vivem ainda nas superstições do paganismo, e não recuseis tirá-los das trevas para a luz do reino de Deus...* ”

Mandei logo alguém à estação telegráfica mais vizinha, distante da Colônia uns 40 quilômetros, para anunciar ao P. Malan a nossa chegada e pedir ao nosso amigo e benfeitor, o Sr. Pedro Fernandes, provisão de víveres. Os índios, felizmente, ainda não se apresentaram; e se viessem como haveria de arranjar-me, se apenas tenho o necessário para nós, tanto em alimento como em roupa? Confiamos na Divina Providência e na generosidade dos nossos Cooperadores e Cooperadoras. O campo é vastíssimo: de Barreiro a Cuiabá há 500 quilômetros, por onde vagam

os selvagens. O único sinal de civilização é a linha telegráfica, cujos postes foram quase sempre os guias do nosso caminho. Ao Norte do Barreiro, o Estado do Mato Grosso continua ainda por 1.500 quilômetros; e também esta imensa região é pisada por muitas tribos de índios. Depois disto, parece supérfluo ó amado Superior, que eu esteja a encarecer as nossas graves e urgentes necessidades. Creio que a nossa Missão seja a mais difícil e a mais pobre da nossa Pia Sociedade... Estou escrevendo esta carta sobre uma mesa de bambu, sobre a qual, colocando a pedra d'ara, celebramos também a Santa Missa. [...] Já começamos a abrir picadas, serrar paus e preparar o terreno para algumas plantações. O trabalho material suavizado pelas práticas de piedade faz que o tempo corra rapidamente, de modo que o meio mês que passamos nesta solidão voou com a velocidade do pensamento. Em breve poderemos construir algumas choupanas, mas não nos será possível conservar por enquanto o SS. Sacramento no meio de nós, apesar de ser esse o nosso único desejo.

Peça, amado Pai, por estes seus filhos perdidos no meio destas florestas virgens. Vossa Reverendíssima bem compreende que necessitamos de orações.

Apresente a todos os Superiores os nossos respeitos, em modo especial ao Rvmo. P. Felipe Rinaldi meu primeiro e inolvidável Diretor, e permita que eu lhe beije as mãos em nome de todos e lhe peça a sua santa benção.

Sou De V. R. o filho mais humilde
P. João Balzola

A partir dessa data gloriosa e do encontro com o primeiro grupo bororo no mês de agosto do mesmo ano os missionários sob a proteção de Nossa Senhora Auxiliadora foram expandindo sua ação e atendimento pastoral.

1º Período: de 1902 a 1919

A Missão dava assistência exclusiva (econômica, sanitária, educativa e evangelizadora) aos bororo atendidos pelos Salesianos e Irmãs, com a colaboração de voluntárias leigas e alguns empregados, primeiro na Colônia Sagrado Coração, nos Tachos.

De 1905 até 1921 também se estendeu à *Colônia Imaculada*, na beira da cachoeira do Córrego Araci, próximo ao Rio Garças. Em 1903, foi criada a atual *Escola Sagrado Coração de Jesus*, com o ensinamento de Português, Matemática, Ciências e Práticas Agrícolas para os meninos e oficinas de tecelagem para as meninas.

Em 1914 foi criada a Prelazia do Registro do Araguaia que foi entregue aos cuidados pastorais da Congregação Salesiana sendo seu primeiro Bispo-Prelado o Pe. Antônio Malan, então inspetor da Missão Salesiana de Mato Grosso. A partir dessa data nossas Missões fazem parte da Prelazia.

2º Período: de 1919 a 1941

Conseguidos dois lotes de 25.000 ha., doados pelo governador do Estado, Dom Aquino Correa, a Missão procura seu auto sustento econômico com o trabalho dos missionários, servidores não índios e dos bororo. A população não indígena começa a marcar presença cada vez mais numerosa e surge o sistema de atendimento por desobriga aos núcleos de garimpeiros e criadores que vão se estabelecendo na região.

A *Paróquia "Sagrado Coração de Jesus"* foi criada em 7 de dezembro de 1932 pelo Administrador Apostólico P. João Batista Couturon. O primeiro pároco foi P. Bartolomeu Poli e o primeiro Vigário foi o P. João Batista Crema, como consta no Livro de Tombo, do ano 1932, página 8.

3º Período: de 1941 a 1965

O número dos indígenas bororo diminui ainda mais, seja pela diminuição dos nascimentos, pelo aumento de mortalidade (dos 70 batizados entre 1941 e 1960, 38 não existiam mais em 1960), e pelas mudanças de famílias para aldeias do Rio São Lourenço, se bem que alguns bororo do Rio Vermelho vêm se estabelecer também em Meruri. O intercâmbio de pessoal bororo por migrações de uma região para outra se acentua neste período. O atendimento aos indígenas passa ao segundo plano para atender as numerosas fazendas e corruptelas de garimpeiros que surgem na região e à escola para filhos de colonos junto com os quais estudam também as crianças bororo. Meruri atendia a população escolar de todas as regiões, além de

vários alunos internos procedentes de Barra do Garças e das cidades goianas de Bom Jardim e Piranhas. Pela metade da década de 1950, durante a direção do P. Bruno Mariano, foram reformadas as habitações das Irmãs e os ambientes da Escola, sendo tudo construído com tijolo e telha. De 1963 a 1964 foram construídas as *casas de material* para as famílias bororo da aldeia de Meruri. Neste período têm início os problemas de terra: começam a ser ocupadas por não índios as áreas vizinhas à Missão e tradicionalmente usadas pelos bororo nas suas caçadas, pescarias, inclusive áreas oficialmente reservadas para atendimento deles.

4° Período: de 1965 a 1980

Começa o directorado do P. João Falco, o qual dá uma virada no sistema de atendimento aos indígenas. Com a fundação do **CIMI** (Conselho Indigenista Missionário), em 1972, o compromisso missionário de evangelização passa a ser também de apoio aos indígenas na conservação da cultura, da língua e ao direito a um território onde possam continuar vivendo como povos diferenciados. É construído o hospital e aprimora-se o atendimento à saúde dos bororo com a colaboração de especialistas de Minas Gerais e São Paulo (Dr. Geraldo Chaves Salomon e Dr. João Paulo Botelho Vieira Filho). Com a venda das terras dos dois lotes, por parte do governo do Estado, os conflitos de terra chegam à sua culminância e terminam em 1976, com a demarcação da Área Indígena Bororo de Meruri, que custou a vida ao então Diretor e Pároco de Meruri, **P. Rodolfo Lunkenbein e ao Bororo Simão Cristino Koge Ekudugodu**. Foram assassinados por fazendeiros da região, contrários à demarcação da reserva indígena.

5° Período: de 1980 aos dias atuais

A **Terra Indígena de Meruri** com 82.301 hectares, após sua demarcação encerrada em 1976 foi homologada pelo Presidente da República pelo Decreto Nº 94014, de 11 de fevereiro de 1987. Com o aumento dos alunos bororo a escola, além do Ensino Fundamental cria, em 2009, também o Ensino Médio. Os professores são todos indígenas e a maioria tem curso superior. Merece destaque a criação do Centro de Cultura P. Rodolfo Lunkenbein, inaugurado em 2001, o qual, hoje, é referência nacional na revitalização da cultura indígena.

Em 2012 a direção da escola passou para os bororo.

Desde o início da Missão, ao lado dos salesianos estão as Filhas de Maria Auxiliadora que em 2008 encerraram suas atividades em Meruri concentrando-se em São Marcos. Em itinerância continuam marcando sua presença, saltuariamente em Meruri.

Em 2016 após a visita do Pe. Pier Luigi Camerani, Postulador Geral para as Causas dos Santos, foram iniciados os procedimentos para dar começo ao **Processo de Beatificação e Reconhecimento do Martírio do Pe. Rodolfo Lunkenbein e de Simão Bororo**. Em 2018 foi aberto solenemente em Meruri o Processo Diocesano que se encerrou no dia 31 de janeiro de 2020 também em Meruri. A partir de 2021, com o processo já aprovado por Roma a Causa de Martírio continua seu andamento com a fase de elaboração da *Positio super Martyrium*. Que os Servos de Deus, invocados todos os dias 15 de cada mês nos abençoem e que se apresse o dia de sua glorificação.

Ao longo deste 120 anos grandes salesianos missionários deram suas vidas na construção do patrimônio moral, educativo-pastoral e evangelizador. Não faltaram também aqueles que tiveram a coragem de, além do suor, derramar seu sangue testemunhando com a vida em morte violenta seu amor a Cristo, ao Evangelho e aos mais necessitados: Pe. José Thannuber assassinado em Palmeiras/MT em 1920; Pe. João Fuchs e Pe. Pedro Sacilotti massacrados no Rio das Mortes em 1934; Pe. Rodolfo Lunkenbein assassinado em Meruri em 1976 juntamente com Simão Bororo.

Nós todos, salesianos, Filhas de Maria Auxiliadora e colaboradores leigos que trabalhamos junto ao povo bororo na vinha do Senhor, demos graças a Deus! Louvemos seu amor misericordioso e sua presença constante nestes 120 anos de histórica presença: olhando o passado, vivendo com entusiasmo o presente e projetando-nos para o futuro. Sempre com Dom Bosco e sob a materna intercessão da Virgem Auxiliadora que tem protegido maternalmente os missionários desde as primeiras horas de sua presença nestas terras mato-grossenses!